

“O que toda a mulher deve saber”:

A economia doméstica na *Revista Feminina* (São Paulo, 1915-1918)

Amanda de Lima de Almeida¹
Liane Maria Bertucci²

Resumo: Neste artigo procuramos evidenciar como, no contexto dos primeiros anos do século XX, marcados pelo crescimento fabril e pela Primeira Guerra Mundial, princípios de economia doméstica circularam em textos publicados na *Revista Feminina*, educando suas leitoras. O periódico, criado na cidade de São Paulo e dirigido por Virgilina de Souza Salles entre 1915 e 1918, foi vendido em vários estados brasileiros. A economia doméstica, área de conhecimento que ganhou relevância na segunda metade dos Oitocentos, reuniu diferentes saberes, da higiene às finanças, conjugados pelas ideias de racionalidade e cientificidade com a finalidade de instruir a “gerente do lar” e assim tornar suas ações mais ágeis e eficientes; ideais que também concorreram para delinear possibilidades de atuação feminina fora do espaço da casa, desde que limitadas pelas prioritárias obrigações domésticas.

Palavras-chave: Imprensa feminina. Economia doméstica. *Revista Feminina*. Mulher. São Paulo

Abstract: In this article we attempt to show how, in the context of the early years of the twentieth century, a time marked by industrial growth and the First World War, women were educated in the principles of home economics that circulated in texts published in *Revista Feminina*. The magazine, launched in the city of São Paulo and edited by Virgilina de Souza Salles from 1915 to 1918, was sold in several Brazilian states. Home economics, a field of knowledge that had become increasingly important in the second half of the nineteenth century, included knowledge ranging from hygiene to finance, combining rational and scientific ideas to help the “home manager”, making her work more streamlined and efficient. These ideals also helped to outline possibilities for women outside the home, provided they did not impinge upon their domestic obligations, which remained their priority.

Keywords: Women’s press. Home economics. *Revista Feminina*. Women. São Paulo

“What every woman should know”:

Home economics in *Revista Feminina* (São Paulo, 1915-1918)

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: amanda95.almeida04@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio de Pós-Doutoramento na Faculdade de Medicina da USP. Professora associada de História da Educação na Universidade Federal do Paraná. E-mail: lianebertucci@gmail.com

Introdução

No século XIX, como um dos desdobramentos do longo processo que redefiniu a família e transformou a casa em lar (HALL, 1991), as atividades exercidas pelas mulheres, em diferentes países ocidentais, foram objetos de prescrições que visavam a eficiência das ações da “senhora do lar”. Nessa época, quando a economia doméstica difundia formas racionais e científicas para a realização dessas atividades, a valorização do trabalho feminino de administrar a casa foi concomitante a crescente desqualificação social de funções que exigiam ação e circulação no espaço público.

A “feminização ponderada” (PERROT, 2005, p.254) de alguns setores produtivos na virada para o século XX reforçou esse processo, ao atribuir às mulheres atividades que demandavam supostas características femininas, como paciência e ordem, delicadeza e agilidade manual. Um movimento que concorreu para a maior qualificação de jovens e senhoras, pois, a eficácia de suas atividades, dentro ou fora de casa, estavam cada vez mais relacionadas a um saber especializado, fosse para trabalhar em um tear mecânico, usar a máquina de costura ou fazer a contabilidade dos gastos domésticos (LAGRAVE, 1993; PERROT, 2007).

No Brasil esse processo teve maior impacto em centros urbanos como São Paulo, nos quais foram acelerados o adensamento populacional e a multiplicação de estabelecimentos fabris e comerciais; paralelamente foram sendo desqualificadas atividades como as das vendedoras de doces e pães ou das lavadeiras, que há anos cruzavam diariamente as ruas de vilas e cidades brasileiras (DIAS, 1984; FIGUEIREDO, 1993).

Foi nesse período de transformação socioeconômica que aumentou o número de periódicos femininos no país. É preciso considerar que a imprensa, inclusive a feminina, é uma prática sociocultural, permeada por interesses diversos, que fazendo circular ideias (CHARTIER, 2004), concorre para a instituição plural de modos de viver e pensar o cotidiano e o mundo.

Assim, desde 1852, quando foi publicado no Rio de Janeiro o *Jornal das Senhoras*, editado por Joana Paula Manso de Noronha (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p.293-294), jornais e revistas parcial ou totalmente dedicados às mulheres circulavam em algumas cidades brasileiras. Com a pretensão de dar visibilidade às “causas femininas”, como o direito ao voto, ou ensinar como preparar uma refeição saudável, essas publicações ganharam impulso no contexto do crescimento da imprensa brasileira a partir do final do século XIX (ARAS; MARINHO, 2012; BUITONI, 2009).

Nos primeiros anos dos Novecentos, a facilidade de produção e reprodução de fotografias (substituindo as xilogravuras) aumentou o número de imagens utilizadas nos impressos, atraindo mais leitores que, como potenciais consumidores, fizeram com que cada vez mais propagandas pagas fossem inseridas nessas publicações. Nesse contexto as “revistas ilustradas” foram destaque e, em muitos casos, o montante arrecadado com os anúncios publicitários custeou, quase totalmente, suas edições (BUITONI, 2009).

Foi nessa conjuntura que a *Revista Feminina* começou a ser editada em São Paulo, no mês de janeiro de 1915³. Esta foi uma revista singular; idealizada por Virgilina de Souza Salles, mulher da elite paulista, como uma “revista modelo” para a mulher moderna (NOSSA FILIAL, 1917), o periódico também fez parte de um empreendimento familiar, a Empresa Feminina Brasileira (SOARES, 2009).

A empresa da família Salles, que contava com a participação do irmão de Virgilina, o médico Cláudio de Souza⁴, fabricava e vendia produtos de beleza e cosméticos que eram repetidamente anunciados na *Revista Feminina*. Alguns desses itens eram enviados como brindes quando uma pessoa fazia a assinatura da revista ou para quem angariava novos assinantes (pelo menos cinco) para o periódico (TRABALHOS, 1915).

Essa vinculação com a Empresa Feminina Brasileira foi a principal garantia financeira para a publicação da *Revista Feminina*, que circulou mensalmente por cerca de duas décadas, extrapolou as fronteiras do estado de São Paulo e teve números com mais de cem páginas. Mas, foi provavelmente nos seus primeiros anos de edição que o periódico atingiu os maiores índices de vendas. Assim, entre 1915 e 1918, ano da morte de Virgilina de Souza Salles, a revista vendeu entre 20 e 25 mil exemplares mensalmente. Um número excepcional em um mercado editorial no qual revistas similares, além de curta vida editorial, tinham tiragem de até 10 mil exemplares/mês (BUITONI, 2009). Com a morte da fundadora da revista, a mudança de direção do periódico pode não ter alterado as diretrizes da revista imediatamente, mas um novo período da *Revista Feminina* teve início.

Neste artigo discutimos como, no contexto dos primeiros anos do século XX, marcados em São Paulo pelo impacto do crescimento fabril e por ecos da Primeira Guerra

³ A *Revista Feminina* teve sua origem estreitamente ligada ao jornal *A Luta Moderna*, editado de junho a dezembro de 1914, em Mogi das Cruzes (cidade limítrofe de São Paulo) pela família Salles. Um periódico de quatro páginas e distribuição gratuita. Na edição de dezembro, os seus proprietários informaram mudanças aos seus leitores, do tamanho da página e diagramação até o nome. O primeiro exemplar da *Revista Feminina* recebeu o número 8, continuando a sequência dos exemplares do jornal (LIMA, 1991).

⁴ Cláudio de Souza, que também era um reconhecido escritor, teve grande parcela de responsabilidade no sucesso da *Revista Feminina*. Realizando uma prática comum na imprensa brasileira do período, o médico publicou regularmente no periódico com o pseudônimo de Anna Rita Malheiros, estabelecendo forte elo com as leitoras. A verdadeira identidade de Anna Rita foi revelada apenas em 1936, na última edição da revista.

Mundial, os textos publicados na *Revista Feminina* difundiram princípios da economia doméstica, educando mulheres através da circulação de ideias que pretendiam agilizar e tornar eficientes, a partir de ditames racionais e científicos, as atividades da “gerente do lar”; ideais que também correram para delinear possibilidades de atuação fora do espaço da casa, desde que limitadas pelas obrigações domésticas.

Economia doméstica, a formação da profissional do lar

Em meados dos anos 1910, a cidade de São Paulo contava com cerca de 540.000 habitantes. Desde a última década do século XIX o número de moradores da cidade havia mais que dobrado (SANTOS, 1998). Muitos desses novos habitantes eram imigrantes e seus filhos, que trabalhavam nas fábricas, oficinas e casas comerciais que se multiplicavam na cidade, em grande parte graças a riqueza gerada pela produção cafeeira do Estado. Um impacto socioeconômico que reordenou o traçado e a ocupação do espaço urbano, com belas avenidas e magníficos palacetes, tanto quanto com a multiplicação de ruas sem calçamento e cortiços insalubres, onde moravam muitos desses trabalhadores (MARTINS, 1999).

Foi nesse cenário que muitas famílias sentiram o impacto indireto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que, dificultando o comércio internacional, concorreu para a carestia generalizada; situação agravada a partir da entrada do Brasil no conflito em 1917, pois a venda lucrativa de gêneros alimentícios para os países aliados provocou a falta e disparada dos preços. Nesse período, mesmo que não na mesma proporção que europeias e norte-americanas (muitas delas com maridos nos campos de batalha), cresceu o número de jovens e senhoras brasileiras que trabalhavam para ajudar, e algumas vezes bancar, o sustento familiar (MALUF; MOTT, 1999).

Para algumas dessas brasileiras, esta foi uma imposição transitória, para várias outras não e, por necessidade ou opção, jovens e senhoras continuaram atuando fora do espaço doméstico⁵. Entretanto, para essas mulheres, da professora primária, atividade ideal, considerada como uma extensão da maternidade, à trabalhadora das oficinas de costura ou fábricas de tecido, fitas e passamanarias, as atividades socialmente aceitas remetiam à casa ou a gerência do lar.

Mas, em um mundo no qual o ideal de modernidade e progresso estava intimamente relacionado às inovações, em geral relacionadas às máquinas, e a eficiência era preciso que a

⁵ Sobre o processo de inserção das mulheres de outros países no mercado de trabalho e o refluxo de grande parte delas no pós-guerra, com a volta dos soldados para a casa e em meio ao processo de renovada valorização da maternidade e das obrigações domésticas da esposa e mãe, veja: Thébaud (1993).

mulher recebesse variados conhecimentos, tanto para bem cuidar e formar de seus filhos, quanto para conduzir de maneira eficaz as atividades do lar.

Nessa perspectiva, texto publicado na seção O Que Toda a Mulher Deve Saber, em abril de 1915, alertava: “A mulher é a gerente do lar. Todos os negócios dependem de uma boa gerência. Um lar mal gerido é um lar arruinado por mais que produza o marido (...)” (O QUE TODA, 1915).

Semanas depois, em dezembro, o artigo “A mulher” afirmou:

É preciso que a mulher saiba um pouco de tudo, as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia, a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo representa uma necessidade real. A mestra deve ser a mãe, é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimentos, para não perder uma interrogação do filho (...). (A MULHER, 1915)

Assim, para manter a harmonia do lar, ser a primeira professora dos filhos era tão importante quanto saber como manter o bom funcionamento da casa⁶, e nesse sentido noções de economia doméstica foram publicadas regularmente na *Revista Feminina* entre 1915 e 1918.

A economia doméstica, como um campo de saber específico e interdisciplinar, ganhou contornos mais evidentes nos Oitocentos. Essa área de conhecimento defendia o lar como espaço fundamental de atuação da mulher que, para bem gerenciá-lo, precisava aprender noções sobre organização das finanças domésticas, princípios racionais relacionados ao preparo dos alimentos, inclusive seu valor nutritivo, e formas de reparar e confeccionar roupas; ser instruída, a partir de princípios médicos-científicos, sobre a importância da limpeza doméstica e como cuidar da higiene e saúde dos filhos. Nesse sentido a casa passou a ser também um lugar de educação da mulher, que assim estaria preparada para exercer eventuais atividades fora do lar, desde que em áreas que demandassem tais saberes (AAFCS, 2020).

A economia doméstica foi inserida pela primeira vez como disciplina escolar na Noruega, pelo Ministério de Agricultura, em 1865 (FERREIRA, 2015), talvez com o objetivo “modernizar” áreas rurais a partir da formação de jovens. Nos anos seguintes a economia doméstica teve seus propósitos desdobrados, principalmente nos Estados Unidos.

⁶ Na perspectiva de concorrer para essa harmonia familiar, a *Revista Feminina* também difundia valores morais católicos. O estreito vínculo de Virgilina de Souza Salles com a igreja católica pode ser percebido até nas manifestações de pesar por sua morte, publicadas na revista em 1918 (MANIFESTAÇÕES, 1918). A afinidade dos editores da *Revista Feminina* com o catolicismo continuou depois da morte de sua fundadora, veja: Soares (2009).

Uma de suas principais expoentes norte-americanas da economia doméstica foi Ellen Swallow Richards (1842-1911). Formada em química pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), Richards desenvolveu importantes pesquisas na área de engenharia sanitária e da economia doméstica, tendo um papel importante na divulgação desse campo de conhecimento a partir de 1899, durante o qual ajudou a organizar uma série de dez conferências que ficaram conhecidas como as Conferências Lake Placid (realizadas principalmente no Club Lake Placid, em Nova York) (AAFCS, 2020; LACK PLACID, 2012). Nos primeiros anos dos Novecentos, a divulgação se ampliou a partir da fundação, em 1908, da American Home Economics Association – AHEA⁷ e vários cursos foram criados nos Estados Unidos, em geral com o nome de Economia Doméstica, entretanto, não foram incomuns outras denominações, tais como Curso da Família e do Consumidor e Curso de Ciências Domésticas (FERREIRA, 2015).

Assim, entre o final do século XIX e início do século XX, enquanto muitas mulheres reivindicavam o direito de votar, de participar da vida política e de ampliar a atuação profissional (com salários dignos), os membros da AHEA alardeavam que jovens e mulheres formadas em economia doméstica estariam bem preparadas não apenas para atuar como donas de casa, mas também para exercer carreiras que envolvessem a relação direta com pessoas, ou seja, profissões como as de professora, enfermeira, arquiteta e, em futuro próximo (segundo a Associação), a de economista doméstica (AAFCS, 2020).

No Brasil, segundo Bastos e Garcia (1999), nas últimas décadas dos Oitocentos os discursos acerca da economia doméstica aconteceram principalmente através das Escolas Normais e da leitura de livros destinados à formação de meninas, inclusive no imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

No estado de São Paulo, desde os primeiros tempos republicanos, a economia doméstica apareceu como disciplina feminina das Escolas Normais, de forma separada e complementar aos trabalhos manuais, como indicam os regulamentos de 1893 e 1911 (SÃO PAULO, 1893; SÃO PAULO, 1911). No decreto de 1911, a natureza feminina da economia doméstica ficou ainda mais explícita no Artigo 2º, 2º Grupo de disciplinas: “(...) 3ª Trabalhos manuais e economia doméstica para o sexo feminino; 4ª Trabalhos manuais para a seção masculina” (SÃO PAULO, 1911). Entretanto no Brasil, desde esse período, partes do conteúdo da economia doméstica foram ministrados em instituições de ensino como parte das disciplinas prendas domésticas, trabalhos manuais, educação doméstica ou direção da casa

⁷ A partir de 1994 a AHEA passou a chamar American Association of Family and Consumer Sciences – AAFCS.

(STRANG; SANTOS, 2017) ⁸.

Independente da forma ou nome, é preciso considerar que, como frisou Louro (2017), ao integrar os cursos destinados às mulheres a economia doméstica constituiu-se em uma série de ensinamentos sobre a administração do lar que não eram uma transposição simplista para a escola dos saberes domésticos, mas uma reelaboração desses saberes a partir de conhecimentos científicos.

Mas não foi apenas nas escolas que a economia doméstica esteve cada vez mais presente como um conhecimento importante para as mulheres. Noções de economia doméstica permeavam as páginas da imprensa feminina, que desta forma instruíam informalmente suas leitoras nos saberes apropriados para as jovens e senhoras do século XX.

Lições para a mulher moderna

Em fevereiro de 1918 a *Revista Feminina* publicou o artigo intitulado “Economia doméstica”, que versava sobre “o método” para lavar roupa de cama e de banho, no qual uma das primeiras considerações era: “Diversas vezes temos tratado da economia doméstica, ensinando a maneira de ter certo conforto no lar sem pesar muito na bolsa do marido” (ECONOMIA, 1918). A frase simples traduzia um fundamento dessa área de conhecimento: o bem estar familiar, graças a capacidade da mulher bem gerir recursos financeiros. Segundo Junqueira Schettino (2012, p.29) a noção de eficiência doméstica foi uma das consequências da valorização do papel feminino na sociedade moderna.

Como escreveu em 1912 Christine Frederick, professora norte-americana que propunha procedimentos e métodos baseados no Taylorismo⁹: “O fim e o objetivo da eficiência doméstica não são um sistema perfeito de trabalho, ou programação científica, ou limpeza e ordem de ideias; mas é a felicidade pessoal, a saúde e o progresso da família no lar”¹⁰ (FREDERICK, 1912, p. 9).

⁸ No Brasil a economia doméstica tornou-se parte da legislação federal do Ensino Agrônômico de 1910, ao ser inserida no currículo das escolas domésticas agrícolas para “as filhas dos cultivadores” (BRASIL, 1910).

⁹ Conjunto de propostas elaboradas por Frederick W.Taylor (1856-1915), que preconiza uma ação mais eficiente/produzida a partir da divisão científica e padronizada de tarefas, organizadas e dirigidas por uma gerência, para garantir qualidade e agilidade (RIBEIRO, 2015).

¹⁰ No original: “The end and aim of home efficiency is not a perfect system of work, or scientific scheduling, or ideal cleanliness and order; it is the personal happiness, health, and progress of the Family in the home”.

Na *Revista Feminina*, publicada em março de 1918, as ações metódicas da mulher para saúde familiar e ordem da casa eram apresentadas como elementos para o encantamento do marido e a harmonia do lar.

É ela [a esposa] que conserva os móveis sempre limpos, a roupa branca sempre muito bem lavada. O seu espírito enche toda a casa, organiza-a a seu gosto, não faltando nada nessa administração doméstica. Nem mesmo um ideal encanto. [Geralmente, o] marido acaba por adotar gostosamente o bom método da esposa; a regularidade, tanto nas coisas como nos pensamentos e hábitos, contém em si, além de muitas e consideradas vantagens práticas, uma verdadeira e empolgante sedução que não perde sem desgosto, depois de experimentada (QUALIDADES, mar.1918, p. 44).

Nesse período, na perspectiva de valorizar as ações femininas e incentivar a educação das mulheres Virgilina de Souza Salles organizou uma biblioteca no prédio da *Revista Feminina*. Instalada em sala adjacente a da redação do periódico, a “biblioteca feminina” era formada, segundo a revista, por livros avaliados como adequados para jovens e senhoras e tinha sua entrada franqueada e gratuita às mulheres (NOSSA FILIAL 1917; IMPRENSA,1918). Pelo menos até o final de 1918, a revista não informou os títulos das obras desse acervo, entretanto é possível especular sobre os seus temas.

Considerando os artigos publicados na *Revista Feminina* e também anúncios editados em vários de seus números, grande parte dos livros da biblioteca deveria abordar temáticas diretamente relacionadas ao universo doméstico, tais como a dos volumes elencados em propaganda de julho de 1915. (Figura 1).

Figura 1 - Livros úteis para as senhoras donas de casa



Livros uteis para as senhoras donas de casa

- 1 — A arte de Criar Pintos, 500 réis.
- 2 — Alimentação das aves domesticas, 500 réis.
- 3 — Criação de Pombos, 500 réis.
- 4 — Criação de canários, 500 réis.
- 5 — Manual do Gallinheiro — encadernado, Rs. 4\$000
- 6 — Molestias das aves e seus tratamentos, Rs. 5\$000
- 7 — As molestias das plantas, Rs. 2\$000
- 8 — Leites, medicamentos, 500 réis.
- 9 — Jardineiro Brasileiro, Rs. 5\$000.
- 10 — A Sciencia no lar, Rs. 2\$000.
- 11 — A Dona da casa, Rs. 2\$000.
- 12 — Cultura das plantas em vasos, Rs. 2\$000.

VABES E PEDIDOS a Casa Editora “Chacaras e Quintaes”
Largo do Palacio, 5-B (2.º andar)
Caixa Postal, 652 SÃO PAULO

Fonte: *Revista Feminina*, nº 26, p.24, jul.1915.

Nessa propaganda da editora Chácaras e Quintais, começando com *A arte de criar pintos*, os livros anunciados privilegiavam o quintal da casa (criações de animais e cultivo de plantas), entretanto, *A dona da casa* provavelmente era um volume sobre as atividades da mulher no espaço doméstico e o livro *A ciência no lar* deveria versar sobre economia doméstica.

Apesar da possibilidade de ser um homônimo, é quase certo que *A ciência no lar* era o livro de autoria de Eulalia Vaz, professora da Escola Profissional Feminina de São Paulo, criada em 1911 (RIBEIRO, 1986). A obra, reeditada algumas vezes, cujo título completo era *A ciência no lar moderno*, oferecia às leitoras um compêndio de receitas culinárias e considerações sobre o cotidiano familiar sadio, com destaque para a higiene e alimentação saudável, e instruções sobre o bom uso do espaço da casa e dos utensílios domésticos (VAZ, 1912).

Nesse sentido o livro de Vaz ensinava às leitoras as bases da economia doméstica, cuja importância, segundo a autora, era crucial para manter ou restabelecer o equilíbrio das finanças domésticas. Sem tecer considerações sobre quem tinha gasto “até o último vintém” da renda familiar, Eulalia Vaz afirmava:

Se o salário de um chefe de família é dispendido até o último vintém, não fica recurso para alguma eventualidade que venha a suceder – como moléstias, etc.: ficando desprevenido, resta agora restabelecer a ordem nas suas despesas de maneira que fique um saldo para satisfazer alguma necessidade mais urgente. A economia doméstica é uma necessidade hoje, só depende da força de vontade da dona de casa (VAZ, 1912, p. 17).

Em 1918, a *Revista Feminina* exaltava a importância da atenção constante de todas as mulheres com administração da casa:

Nas próprias famílias ricas, nunca é bom que a dona de casa se desinteressar dos trabalhos caseiros, entregando a administração do lar ao cuidado de servos, por mais que eles mereçam uma absoluta confiança. A dona de casa prejudica-se desdenhando dos pequenos interesses da administração do seu lar. (QUALIDADES, abr.1918)

Anos antes, um dos textos publicados na coluna *O Que Toda a Mulher Deve Saber*, afirmou:

Uma dona de casa que tenha um pouco de noção de economia doméstica a primeira coisa que procurara evitar é uma dependência tão estreita de um único fornecedor (...) no começo do mês, quando o marido receber o seu ordenado, ela irá ao mercado e aos fornecedores em grosso e comprara com notável economia, o que necessita para o fornecimento de sua casa durante todo mês (GURJÃO, 1915, p.14).

Administrar, dos trabalhos rotineiros às grandes despesas mensais, era uma tarefa da

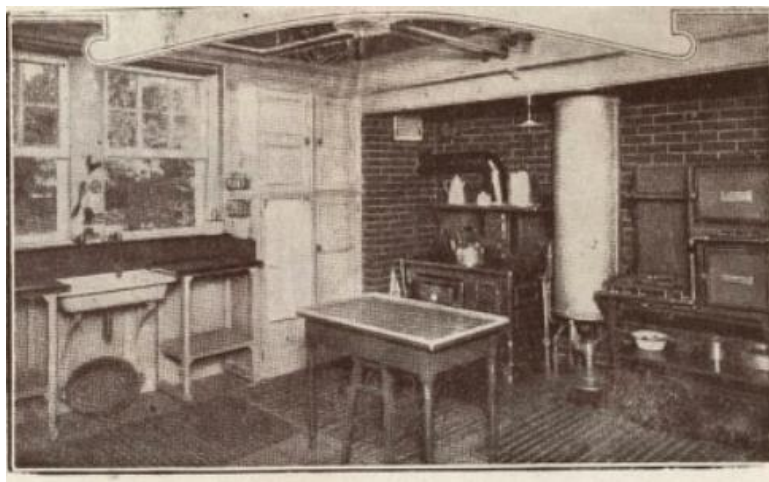
“senhora do lar”. Nesse contexto a divisão racional dos cômodos da casa e o uso de modernos equipamentos domésticos estavam intimamente relacionados com a possibilidade de uma administração eficaz.

No início do século XX, a cozinha foi provavelmente o espaço da casa que mais motivou considerações relacionadas a sua estrutura, organização e uso (SILVA, 2007). Com propostas que ressoavam princípios da economia doméstica e ditames médico-higiênicos, as diretrizes relativas a ordem, higiene, rapidez e qualidade, permearam várias publicações sobre a cozinha domiciliar desde pelo menos 1841, quando foi publicado nos Estados Unidos o manual *A Treatise on domestic economy*, de Catherine Esther Beecher, revisado dois anos depois (BEECHER, 1843).

Na Europa no início dos Novecentos, arquitetos desenvolveram diferentes modelos de cozinha, entre eles a “cozinha de Frankfurt” que, instalada em espaço reduzido, apresentava padronização do mobiliário e disposição do fogão, pia e armários em superfície contínua, o que facilitaria o trabalho da dona de casa. No Brasil dos anos 1910 cresceu o número de propagandas que associavam o uso do fogão a gás com limpeza e praticidade (SILVA, 2007).

Na *Revista Feminina* de dezembro de 1918, a imagem de uma “cozinha moderna” traduzia para suas leitoras esse ideal de organização, higiene e modernidade: à esquerda da fotografia, a pia com torneira/água encanada e as janelas garantindo o arejamento; à direita, dois fogões, para tornar mais rápido o preparo dos alimentos, um “comum ou econômico” a lenha/carvão e outro elétrico ou a gás. Nota-se pela imagem a importância da disposição da mobília, das louças e do espaço de circulação, além da mesa para facilitar o preparo dos alimentos (A COZINHA, 1918). (Figura 2).

Figura 2 - A cozinha moderna



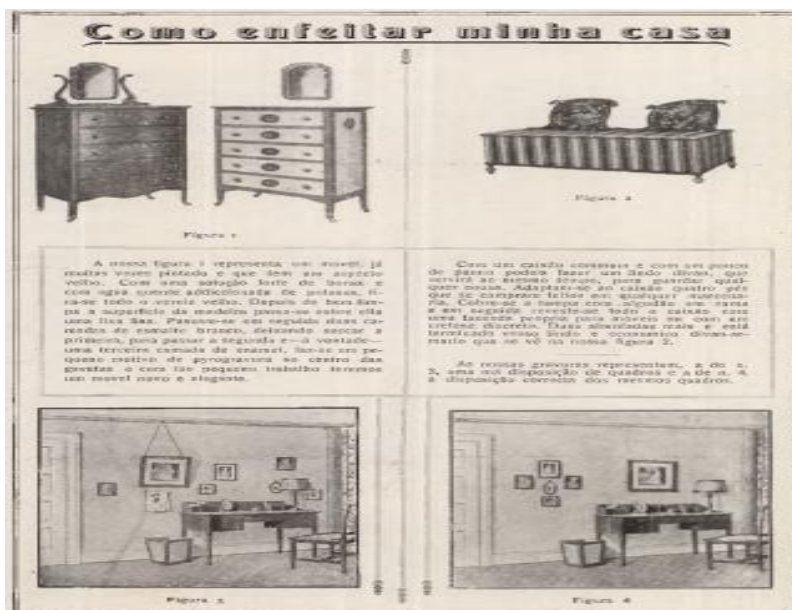
Fonte: *Revista Feminina*, nº 55, p.78, dez.1918.

Verdadeiro luxo possível para poucos, esta não seria, segundo o periódico, uma cozinha para “famílias com hábitos excessivamente frugais” (A COZINHA, 1918, p.78). Entretanto, como modelo racional de ordem e higiene, a imagem (com o texto que detalhava suas qualidades) poderia ultrapassar grupos sociais, circulando e informando mulheres ricas e pobres sobre a importância dos locais onde a comida era preparada.

Mas, além da cozinha, a divisão da casa em cômodos com funções distintas, foi recomendação de médicos e engenheiros que, baseados em ditames sanitários e morais, condenavam os ajuntamentos no espaço doméstico (CARPINTERO, 1997; HOMEM, 1993). Porém, era responsabilidade da “senhora do lar” o cuidado e embelezamento de todos esses espaços; conforme texto publicado na *Revista Feminina* em 1915: “Uma das preocupações e mesmo a maior de uma senhora é sem dúvida a de adornar e alegrar o seu lar com as pequenas e delicadas artes de que as suas mãos são capazes (...)” (COMO ENFEITAR, 1915).

Para ajudar as donas de casa nessa tarefa, a revista publicou ao longo dos anos sugestões práticas e econômicas para tornar mais belos os lares de suas leitoras, tais como, a reforma de móveis, a confecção e utilização de almofadas e uma nova disposição para os quadros. (Figura 3).

Figura 3 – Como enfeitar minha casa



Fonte: *Revista Feminina*, nº 21, p.16, fev.1916.

Em perspectiva semelhante, artigos publicados nas seções O Que Toda a Mulher Deve Saber, O Menu de Meu Marido e Educação das Crianças procuravam ensinar os meios que

tornariam as tarefas domésticas rápidas e eficazes, o que muitas vezes foi atrelado a divulgação do uso de equipamentos modernos, como o fogão a gás. Associando agilidade com eficiência, esses textos eram particularmente atraentes para as mulheres que exerciam atividades fora do lar, mas não se descuidavam dos afazeres domésticos.

Excertos de artigos publicados na *Revista Feminina* em 1918, traduziam duas concepções sobre jovens e senhoras desse período. Segundo Martha Reis, escritora paraense:

(...) a incorporação das mulheres no corpo de aviadores de guerra, é mais uma prova de que à mulher moderna estão preparados outros destinos, além dos cuidados de seu lar, e que por tal ela deve se armar para enfrentar, já não mais um futuro próximo, senão um presente, no qual elas terão que se aguerir para a dura tarefa de conquistar o pão (REIS, 1918).

Conforme o artigo “As artes domésticas: conselhos às moças e mães de família”:

Depois de tantos meses de guerra, nós todas, caras leitoras, temos, em nossas relações uma ou muitas mulheres que se acham na necessidade de por seu próprio esforço, ganhar a vida e ainda a dos seus próprios filhos. Essa necessidade é tanto mais dura quanto imprevista, embora ao casar-se a maior parte delas vão confiar ao marido o cuidado de arcar com as responsabilidades do lar (AS ARTES, 1918).

As considerações de Reis exemplificavam o aumento das possibilidades de atuação profissional da mulher, “além dos cuidados de seu lar”. No segundo trecho transcrito, a autora apresentava o trabalho feminino fora do espaço doméstico como o hiato da situação ideal de dona de casa em tempo integral, sinalizando como, desafortunadamente, esse intervalo poderia tornar-se permanente. Mas, um tema unia os dois excertos: ambos identificam o lar como o espaço da mulher.

Meses antes, com o sugestivo título “Para uma senhora ganhar dinheiro em casa”, texto da *Revista Feminina*, ilustrado com seis imagens com o passo a passo do trabalho e lista do material necessário, ensinava a fazer “caixinhas artísticas”. O propósito era que mulheres confeccionassem essas embalagens, que em geral eram importadas e caras, para vender aos fabricantes de bombons ou para utilizá-las como embalagens de doces feitos em casa, como os “tijolinhos” de goiabada ou marmela. A sugestão era que as caixas com os doces caseiros fossem comercializados no “armazém da esquina” (o dono não recusaria a solicitação de uma freguesa) ou por intermédio de um menino, que as venderia de porta em porta (PARA UMA SENHORA, 1916).

Fazer e vender doces, algo realizado há séculos por mulheres de várias partes do Brasil,

para sustendo próprio ou de suas famílias, ganhava nova conotação. Em consonância com a economia doméstica, a revista ensinava a técnica para fazer as “caixinhas” e estimulava a criatividade feminina com a decoração dessas embalagens, que poderiam ser utilizadas para acondicionar e vender um produto feito em casa. Mas, a venda das “caixinhas artísticas” deveria ser realizada em um armazém ou por um menino, afinal andar pelas ruas não seria muito apropriado para uma senhora.

Assim, na segunda metade dos anos 1910, mesmo que o maior número de assinantes da revista fosse de jovens e senhoras de bom poder aquisitivo e de professoras, como lembrou anos depois a filha de Virgilina de Souza Salles (LIMA, 1991), em tempos de carestia algumas dessas mulheres poderiam precisar colaborar com o sustento da casa; além disso, os exemplares da *Revista Feminina* deveriam passar de mão em mão, da patroa à empregada, da professora à suas alunas filhas de operários, e ensinar uma forma doméstica de trabalho para gerar renda extra era importante.

Repetindo teses da economia doméstica, os textos publicados pela revista concorriam para a eficiência feminina na realização de suas atividades no lar e para a atenção da mulher com as finanças da família, pré-requisitos para um lar harmonioso; entretanto, o periódico deve ter concorrido para a inserção social de jovens e senhoras em atividades consideradas adequadas à “rainha do lar”¹¹. Algo aceito, desde que não comprometesse suas responsabilidades domésticas.

Considerações finais

Em julho de 1918 uma fotografia de Virgilina de Souza Salles foi capa da *Revista Feminina*. A morte da fundadora e diretora do periódico, dia 31 de maio, foi notícia que circulou pelo país. Votos de pesar foram publicados em jornais e revistas e condolências foram enviadas aos familiares e à redação da *Revista Feminina* (MANIFESTAÇÕES, 1918).

Entre essas manifestações, texto do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, lembrou que Virgilina, “acompanhando o movimento intelectual feminino que cada vez mais se acentua na Europa e na América do Norte” e vencendo “preconceitos fúteis” tinha criado a revista, assumindo “o encargo de manter seções diversas de educação doméstica (...)”

¹¹ Nos primeiros anos de circulação da *Revista Feminina*, além de publicar instruções para a realização de trabalhos manuais e difundir o que era produzido por suas leitoras, foram ministrados cursos para jovens e senhoras no prédio da revista; além disso, em sala contígua da redação funcionou a Bolsa Doméstica de Economia, que era uma exposição permanente de trabalhos manuais enviados pelas assinantes e que poderiam ser vendidos no local; confira: Almeida (2020).

(MANIFESTAÇÕES, 1918, p.5).

Em artigo assinado por J. Machado, a morte de Virgilina de Souza Salles foi lamentada como uma perda para “o feminismo no Brasil, ainda em nascimento”. Resumindo os ideais que, sem “súbitas ou extemporâneas revoluções”, norteavam a vida de Virgilina, esse(a) autor(a) escreveu: “Desenvolver a instrução, muita instrução, muita cultura geral; muita cultura técnica, especializada; muitos dotes intelectuais, afetivos e morais (...)” (MACHADO, 1918).

Cerca de dois anos antes, no texto anônimo “O feminismo”, é possível identificar esses alardeados ideias da diretora da *Revista Feminina*:

A educação atual que tende a fazer das mulheres rivais dos homens, em nada aumentará sua influência; lutar-se-á contra elas, mas voltarão à sombra donde saíram imprudentemente e perderam toda sua graça abandonando tudo o que caracteriza seu sexo. Mas a mulher é igual ao homem e tem direito ao mesmo grau de instrução! (O FEMINISMO, 1916)¹²

Especificamente sobre a “cultura técnica, especializada” (um dos princípios da economia doméstica), mencionada por J. Machado, os artigos publicados na *Revista Feminina* eram variados. Mas entre as diversas lições mensais para as mulheres, a das “caixinhas artísticas” para a venda de doces foi inusual, pois combinou a valorização do ato feminino de cozinhar, com a técnica e arte de elaborar uma bela embalagem e o conhecimento de noções administrativas para comercializar o produto; isso sem que a mulher precisasse sair de casa (PARA UMA SENHORA, 1916).

Assim, entre 1915 e 1918, período que em São Paulo e outras cidades brasileiras ocorreu o aumento da demanda para que jovens e senhoras atuassem em lojas, oficinas e fábricas, a *Revista Feminina*, fez circular noções de economia doméstica e concorreu para a formação de uma mulher que dominava diferentes saberes: desde cuidados com a higiene familiar até noções de finanças, e cuja atuação fora de casa deveria ser balizada pelas demandas, sempre prioritárias, do espaço doméstico, o seu local por excelência.

Referências

- A COZINHA moderna. **Revista Feminina**, nº 55, p.77-78, dez.1918.
A MULHER. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 19, p. 20, dez. 1915.
AAFCS. **American Association of Family and Consumer Sciences - About us**. 2020. Disponível em: <https://www.aafcs.org/home>. Acesso em: 5 jul. 2020.

¹² Sobre o feminismo no Brasil das primeiras décadas do século XX, veja: Bueno ([2018],2019)

- ALMEIDA, Amanda de L. de. **Agulha, novelo, tecido e muito mais**: lições de economia doméstica na Revista Feminina (São Paulo, 1915-1918). Curitiba, 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.
- ARAS, Lina M. B.; MARINHO, Simone R. A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres (BAHIA, 1860-1917). *Historiae*, v.3, nº 2, p.96-115, 2012.
- AS ARTES domésticas (conselhos as moças e mães de família). *Revista Feminina*, São Paulo, nº 55, p. 67, dez. 1918.
- BASTOS, Maria Helena C; GARCIA, Tania E. M. Leituras de formação. *Noções de Vida Domestica* (1879): Felix Ferreira traduzindo Madame Hippeau Para a educação das mulheres brasileiras. *História da Educação*, Pelotas, nº 5, p. 77- 92, abr.1999.
- BEECHER, Catherine E. **A treatise on domestic economy**. Rev. ed. Boston: Thomas H. Webb & Co., 1843. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso: 28 ago. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910. **Crêa o Ensino Agronomico e aprova o respectivo regulamento**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8319-20-outubro-1910-517122-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- BUENO, Alexandra P. **Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher**: a pedagogia feminista em disputa (1910-1940). Curitiba, [2018] 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.
- BUITONI, Dulcília H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2ª. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- CARPINTERO, Marisa V.T. **A construção de um sonho**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- COMO ENFEITAR a minha casa. *Revista Feminina*, São Paulo, nº 13, p. 9, jun.1915.
- DIAS, Maria Odila L. da S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- ECONOMIA doméstica. *Revista Feminina*, São Paulo, nº 45, p. 40, fev.1918.
- FERREIRA, Nilce V. C. Gênero e educação: A formação em economia doméstica. In: **Reunião da Anped-Sul**, 37ª, Florianópolis. Anais. Florianópolis, 2015. p. 1-15.
- FIGUEIREDO, Luciano. **O avesso da memória**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Editora UnB, 1993.
- FREDERICK, Christine. The new housekeeping: efficiency studies. *Ladies' Home Journal*, v. 29, p. 1 - 9, Sep. / Dec. 1912. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/ladies'homejournal>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- GURJÃO, Helena F. de. O que toda mulher deve saber. *Revista Feminina*, São Paulo, nº 14, p. 14-15, 1915.
- HALL, Catherine. Sweet home. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (dir.) **História da vida privada**. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 53-87.
- HOMEM, Maria Cecília N. **O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira (1867-1918)**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- IMPRESA feminina no Brasil. *Revista Feminina*, São Paulo, nº 53, p. 14-16, out. 1918.
- JUNQUEIRA SCHETTINO, P.T. **A mulher e a casa**. Belo Horizonte, 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais.

- LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.), **História das mulheres no Ocidente**. 5. Porto: Afrontamento, 1993, p. 505-543.
- LAKE PLACID - North Elba Historical Society. **Home Economics History**, 2012. Disponível em: <https://www.lakeplacidhistory.com/home-economics-histor>. Acesso em: 3 jun. 2020.
- LIMA, Sandra L. L. **Espelho de mulher**: Revista Feminina (1916-1925). São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo.
- LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.) **História das mulheres no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Contexto: 2001, p. 443-481.
- MACHADO, J. D. Virgilina de S. Salles. Uma perda para o feminismo brasileiro. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 50, p. 4, jul.1918.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.) **História da vida privada no Brasil**. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.367-421.
- MANIFESTAÇÕES de pesar. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 50, p. 5-12, jul.1918.
- MARTINS, Paulo C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.) **História da vida privada no Brasil**. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.131-214.
- NOSSA FILIAL no Rio. **Revista Feminina**, São Paulo, nº34, p.37, mar. 1917.
- O FEMINISMO. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 29, p.16, out. 1916.
- O QUE TODA a mulher deve saber. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 11, p.2, abr. 1915.
- PARA UMA SENHORA ganhar dinheiro em casa. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 31, p.60, dez.1916.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. O que é um trabalho de mulher? In: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005, p. 251-258
- QUALIDADES práticas da esposa. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 46, p. 44-45, mar. 1918.
- QUALIDADES práticas e morais da esposa. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 45, p. 47, abr. 1918.
- REIS, Martha. A mulher de hoje. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 51, p. 13, 1918.
- RIBEIRO, Andressa F. Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. **Lutas Sociais**, v. 19, nº 35, p. 65-79, jul/dez. 2015.
- RIBEIRO, Maria Alice R. Qualificação da força de trabalho: a experiência das Escolas Profissionais no Estado de São Paulo (1911-1942). In: RIBEIRO, Maria Alice R.; CAETANO, Coraly G.; GITAHY, Maria Lúcia C. **Trabalhadores urbanos e ensino profissional**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1986, p. 119-223.
- SANTOS, Carlos José F. dos. **Nem tudo era italiano**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SÃO PAULO. Decreto nº 128, de 27 de novembro de 1893. **Dispõe sobre os programas de ensino e distribuição das cadeiras das escolas normaes**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto-218-27.11.18.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- SÃO PAULO. Decreto nº 2.025, de 29 de março de 1911. **Converte as actuais Escolas Complementares do Estado em Escolas Normaes Primarias e dá-lhes regulamento**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1911/decreto-2025-29.03.1911.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico V. (org.) **Dicionário Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.293-294.

SILVA, João Luiz M. Transformações no espaço doméstico – o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo.v.15.n.2.p.197-220, jul.-dez.2007.

SOARES, Ana Carolina E. C. **Receitas de felicidade e espectros de infelicidade: O Código Civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX**. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

STRANG, Bernadete L. S.; SANTOS, Fabiane L. M. Para casar: as boas maneiras e a economia doméstica na formação das normalistas nas décadas de 1940 a 1960. **Imagens da Educação**, Maringá, v.7, nº 1, p. 14-23, 2017.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.). **História das mulheres no Ocidente**. 5. Porto: Afrontamento, 1993, p. 31-94.

TRABALHOS de agulha. **Revista Feminina**, São Paulo, nº 11, p.5, abr. 1915.

VAZ, Eulalia. **A ciência no lar moderno**. 4º ed. São Paulo [s.n.], 1912.

Recebido em: 10 de setembro de 2020.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2020.